

KERFERD, G. B. **O Movimento Sofista**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. ISBN: 85-15-02688-0

Marcílio Bezerra Cruz<sup>1</sup>

## 1. Credenciais do autor

George Briscoe Kerferd é um dos mais importantes filósofos helenistas do século XX. Suas obras buscam mapear detalhadamente os principais momentos da gênese do pensamento filosófico, contribuindo de maneira indispensável para uma melhor compreensão acerca dos sofistas e, principalmente, das escolas do período helenístico.

## 2. Resumo

George Kerferd inicia seu livro fazendo um levantamento dos principais problemas que surgem quando tentamos compreender aquilo que foi “o movimento sofista”. Além de não possuímos qualquer obra completa de algum desses pensadores, a tradição nos deixou um legado profundamente pejorativo que acabou por ser aceito e propagado nos manuais da história da filosofia através dos tempos modernos e contemporâneos. Isso se dá, sobretudo, pelo fato de conhecermos-os apenas por intermédio dos escritos daqueles o retratavam de maneira hostil. A saber, os diálogos de Platão e os tratados esotéricos de Aristóteles formam as principais obras que engendraram a visão negativa desse movimento.

Contudo, não devemos pensar que esse tipo de problema é particular apenas a esse grupo de pensadores. Se formos estudar um pouco mais atentamente a história da filosofia ocidental, descobriremos que ele parece permear-se por entre todo seu bojo. De forma análoga aos sofistas, por exemplo, temos uma visão negativa também dos Maniqueístas – por que só obtivemos como suas principais fontes de informação, as obras do seu principal “rival”, santo Agostinho<sup>2</sup>. Da mesma maneira podemos encarar a resposta de Roscelino de Compègne ao problema dos universais no século XII como vítima do mesmo impasse – uma vez que tudo que sabemos sobre sua teoria nos fora deixado exclusivamente por aqueles que a mais criticaram: santo Anselmo e Pedro Abelardo<sup>3</sup>.

Assim, inúmeros pensadores acabaram perdendo o destaque no decorrer dos tempos. Ainda hoje não é difícil de encontrar quem defenda que suas únicas contribuições para a filosofia foram a de auxiliar na construção do pensamento daqueles que vieram para combatê-los. Em outras palavras: a importância do Maniqueísmo é somente a de suscitar o debate com Agostinho para que esse venha gerar as concepções que seriam adotadas por toda a filosofia cristã posterior; o nominalismo de Roscelino contribuiu apenas para que Pedro Abelardo construísse seu realismo moderado e o único mérito dado aos sofistas é o de fazerem Sócrates, Platão e, em certa medida, Aristóteles se desdobrarem em seus na tentativa de refutá-los.

Diante disso, o autor vai expor no segundo capítulo a variedade de concepções que foram adotadas acerca dos sofistas ao decorrer dos tempos. Como tentamos sublinhar nos parágrafos anteriores, a concepção pejorativa adotada pela hostilidade de Platão e

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia pela UFPE.

<sup>2</sup> Vale salientar que muito recentemente houve uma descoberta de textos maniqueístas do século III e IV d.C. O que muito provavelmente vai gerar novas concepções acerca dessa doutrina gnóstica.

<sup>3</sup> Para um melhor entendimento sobre esses temas leiam o artigo de Manoel Vasconcelos: *A crítica de Anselmo a Roscelino na Epístola de Incarnatione Verbi*; e a obra de Pedro Abelardo: *História das minhas calamidades*.

Aristóteles construiu o principal paradigma que é adotado até hoje. No diálogo *Górgias*, a título de exemplo, Platão parece separar as atividades genuinamente científicas (*technai*) das puramente empíricas<sup>4</sup>. As primeiras têm como objetivo alcançar o mais alto nível de excelência (*areté*) em algumas das suas esferas; já as segundas são meras imitações enganadoras das primeiras e não possuem qualquer finalidade objetiva. Assim, a investigação empírica sem qualquer objetivo é declarada por Platão, nesse diálogo, como sendo a característica principal da “sofística”.

Também no *Sofista*, Platão faz uma análise da sofística, dividindo-a em seis definições depreciativas<sup>5</sup>. O sofista era aquele que: (1) era um caçador assalariado de jovens ricos, (2) um homem que vende “virtude” e bens que não lhe pertence, (3) um mercador de ensino, (4) um homem que vende a varejo em pequenas quantidades para seus clientes ou que vende bens fabricados sob encomenda; (5) o sofista é alguém que entretém controvérsias do tipo chamado *erística* e (6) vivem a querer ganhar dinheiro acerca do certo e do errado. Foi por causa dessas concepções que os pensadores modernos, ao reinterpretarem os diálogos de Platão, chegaram à conclusão de que o movimento sofista não merecia uma maior atenção da parte deles, uma vez que não passavam de meros caçadores de jovens ricos e que ensinavam aquilo que não possuíam por meio de inúmeras controvérsias sem objetivo.

A partir disso, Kerferd declara que toda a tradição passou a enxergar os sofistas através de duas concepções: (1) a de que não eram pensadores sérios e não tinham papel algum na história da filosofia e/ou (2) que seus ensinamentos eram profundamente imorais e despreocupados com qualquer objetividade. Essas visões negativas persistiram até o fim da modernidade quando Hegel, no seu tratado *Conferências sobre a história da filosofia*, declarou a importância dos sofistas para com a história da filosofia. “Hegel via a história da filosofia como um desenrolar progressivo da mente Universal”<sup>6</sup>, declara Kerferd. “Todo o movimento do seu pensar segue um padrão universal: primeiro uma tese surge e é contraposta a uma antítese, de ambas se extrai uma síntese<sup>7</sup>. Essa síntese servirá como uma nova tese para ir de confronto com outra antítese e, finalmente, gerar uma nova síntese num fluxo eternamente permanente.

Na primeira parte da história da filosofia antiga<sup>8</sup>, por exemplo, a tese é o período que abarca de Tales aos filósofos cosmológicos pluralistas e ecléticos; a antítese é o período dos sofistas, Sócrates e dos socráticos menores; e a síntese é o período de Platão e Aristóteles. Mas o que isso quer dizer, afinal? Hegel, *mutatis mutandis*, reinseriu a importância dos sofistas na história da filosofia e os colocou como subjetivistas. Esse subjetivismo era uma etapa importante e necessária para a autodeterminação do pensamento filosófico. Destarte, a partir das concepções de Hegel adotou-se a ideia de que os sofistas tinham uma destacada importância para o desenvolvimento da filosofia, abrindo margens para os estudos mais detalhados desse movimento.

Já em 1846-56, Geoge Grote, um historiador utilitarista, preocupado em escrever sobre a parte esquecida da história da filosofia, propôs uma interpretação inteiramente nova sobre os sofistas. Para ele, os sofistas foram os campeões do progresso intelectual, não podendo jamais serem vistos como um movimento que surgiu repentinamente e sem qualquer objetivo em comum. Eles devem ser vistos, sobretudo, como uma profissão que não havia qualquer comunidade doutrinária. Logo após Grote, Eduard Zeller surge

<sup>4</sup> *Górgias*, 462b3-465e6.

<sup>5</sup> KERFERD, 2003, p. 14.

<sup>6</sup> KERFERD, 2003, p. 17.

<sup>7</sup> *Ibid*, p. 18.

<sup>8</sup> Para Hegel, toda a filosofia antiga também se encontra nesse universo dialético. De Tales a Aristóteles teríamos a tese, o movimento helenístico seria a antítese e a filosofia antiga tardia de Plotino e seu neoplatonismo seria a síntese.

defendendo uma tese completamente oposta. Para Zeller, os sofistas tinham muito em comum, chegando a fazer parte de um mesmo fenômeno social. Ele combateu de forma persuasiva qualquer tentativa de querer dividi-los ou de distingui-los em grupos propostos por Grote.

Essas duas concepções antagônicas são a que encontramos constantemente entre um pesquisador e outros nos tempos atuais. Giovanni Reale, por exemplo, é adepto da concepção de Grote, onde é possível dividir os sofistas em três camadas essenciais: (1) os grandes sofistas da primeira época – que tinham teses filosóficas mui peculiares<sup>9</sup>. (2) os sofistas erísticos que tinham como finalidade apenas vencer qualquer discurso e (3) os sofistas-políticos que utilizavam a erística apenas para ganhar dinheiro e/ou fama. Em contraposição a Reale, poderíamos citar o próprio G. B. Kerferd que, na presente obra, propõe que os sofistas são um “movimento” que surgiu através de um “fenômeno social” e que comungavam das mesmas finalidades – seguindo a vertente de Zeller. Isso explica o fato dele não se debruçar em fazer um levantamento dos pensamentos particulares de cada sofista, mas em estar muito mais preocupado em fazer uma análise de como todos eles surgiram e qual é a importância desse movimento para a filosofia posterior.

Antes de passarmos a falar sobre sua interpretação acerca do fenômeno social que engendrou o movimento sofista, queremos destacar outras importantes concepções que atualmente são muito conhecidas sobre os sofistas. A primeira é a tese levantada por W. K. Guthrie na sua célebre obra *história da filosofia grega* que contrasta o empirismo e o ceticismo dos sofistas com o idealismo de Platão. A segunda é a de Mario Untersteiner que no seu livro, *Os sofistas*, diz que:

Os sofistas estão de acordo quanto a uma concretude anti-idealista que não trilha os caminhos do ceticismo, mas antes, os de um realismo e um fenomenismo que não confinam a realidade num único esquema dogmático, mas permitem que ela reine com todas as suas contradições, com toda a sua trágica intensidade<sup>10</sup>.

Destacadas as concepções supracitadas podemos analisar a tese de Kerferd sobre os sofistas como um fenômeno social. No terceiro capítulo ele nos conta que todos os sofistas viajavam o mundo proferindo seus ensinamentos, iam de uma cidade à outra sem estabelecer qualquer ponto físico para suas aulas. No entanto, a grande maioria passou por Atenas na segunda metade do século V a.C. como se houvesse algo lá que propiciasse seus ensinamentos. E de fato, Kerferd vai propor dois pontos fundamentais que foram responsáveis para que Atenas torna-se o florescimento desse movimento: (1) as condições sociais e políticas que foram engendradas desde o tempo de Sólon e (2) a influência direta de Péricles.

A ideia democrática grega de que o poder deveria estar com o *demos* e que os cargos de conselho deveriam ser confinados aos mais competentes, contribuiu em grande parte para que esses homens viessem de todos os lugares do mundo declarando que seriam capazes de ensinar a incrível oratória que possuíam e a arte da persuasão tão querida para aqueles que seriam ser homens da política. Ademais, Péricles parecia gostar da presença desses homens aparentemente sábios; gostava, sobretudo, de ouvir sobre qualquer tipo de ensinamento. Anaxágoras, por exemplo, foi um dos homens que Péricles mais admirou e lutou por sua causa quando este fora condenado. Protágoras, talvez o mais conhecido dos

<sup>9</sup> Aqui poderíamos citar como exemplo os nomes de Protágoras, Górgias, Pródicos, Hípias e Antífon.

<sup>10</sup>In: KERFERD, 2003, p. 25.

sofistas, era muito amigo de Péricles que também lutou por ele quando seu livro, *A Verdade*, fora condenado.

Em suma, o ofício de falar o que pensa era extremamente perigoso nas cidades gregas, mas em Atenas havia um homem que lutava pelas causas daqueles que o faziam. Por isso Kerferd chega à conclusão que o surgimento do movimento sofista em Atenas não veio por causas exteriores, mas sim por que a situação política e o encorajamento de Péricles fizeram de Atenas um lugar perfeito para o florescimento do movimento sofista.

No quarto capítulo, o autor vai fazer uma análise do termo “sofista” e explicitar como ele nada tem de pejorativo no seu sentido denotativo. O termo tem uma visível relação com as palavras gregas “*sophos*” e “*sophia*”, tradicionalmente traduzidas por “sábio” e “sabedoria”. Esses termos, entretantes, parecem ter sofrido uma modificação quanto ao seu sentido durante o percurso do tempo, designando inicialmente (1) habilidade em uma determinada ocupação, depois (2) uma sabedoria em questões práticas e, por fim, (3) a sabedoria científica, teórica e/ou filosófica. Não obstante, desde sua gênese, o termo era aplicado àqueles que possuíam um conhecimento inspirado e divino diferenciado dos demais: os poetas, adivinhos, músicos e rapsodos. Assim, a culpa pela depreciação dos sofistas não era o fato deles cobrarem pelos ensinamentos, mas sim, o fato deles venderem aquilo que para os gregos somente um ser inspirado e divino pode possuir: a sabedoria.

Nesse mesmo capítulo, Kerferd traça os aspectos gerais de um sofista – aspectos que podemos enquadrar todos esses pensadores num mesmo movimento: todos, por exemplo, faziam longas apresentações (*epeideixeis*) em praças e prédios públicos, as vezes construía debates argumentativos para comprovarem o quanto suas oratórias eram eficazes. Todos cobravam por seus ensinamentos – apesar de que não haver um consenso entre os pesquisadores de quanto eram os valores. Em suma, Kerferd dedica todo esse capítulo na tentativa de sistematizar os sofistas e agrupá-los através das suas características em um grupo comum. Ele também tenta traçar um currículo que era ensinado pelos sofistas, mas sempre se preocupando em fazer uma ligação entre o que cada um ensinava.

Finalmente, após defender cuidadosamente sua posição “Zelleana”, o autor escreve um pouco do que cada sofista possui em particular. Como já mencionamos anteriormente, nosso autor não se preocupa tanto com suas particularidades e acaba por reservar somente algumas poucas linhas para cada pensador. No capítulo cinco, ele discorre sobre Protágoras, Górgias, Pródicos, Hípias, Antifon, Trasímaco, Cálices, Crítias, Eutidemo e Dionisodoro, além do texto anônimo “*Dissoi Logoi*” e o *Corpus Hipocrático*. Mas aborda a todos tão superficialmente que o leitor acabará tendo que recorrer a outros se quiser descobrir mais detalhes sobre suas obras e seus ensinamentos.

Todavia, Kerferd encerra seu capítulo de forma extremamente peculiar: inserindo entre os sofistas a figura de Sócrates. Infelizmente sua tese não é tão bem argumentada, uma vez que ele dedica pouquíssimas linhas para persuadir o leitor de que Sócrates também deve ser considerado, em alguma medida, pertencente do movimento Sofista. Mas é sem dúvida uma teoria no mínimo interessante. Dentre os principais pontos do seu argumento, um deles é o momento histórico em que Sócrates viveu. Por estar inserido no momento histórico do movimento sofista e tendo como principais adversários os próprios sofistas, a figura socrática pode não ser tão diferenciada assim deles – como Platão parece querer propor em seus diálogos.

Além disso, Aristófanes nas *Nuvens*, também o caracteriza desta maneira, comprovando que alguns dos seus contemporâneos o enxergava deste modo<sup>11</sup>. Outro ponto é que Sócrates partilhava de alguns interesses comuns com os dos sofistas, como as

<sup>11</sup> Kerferd menciona o fato de Aristófanes ser comediógrafo, mas ele compartilha da ideia de que há um fundo de verdade nas suas palavras. Cf. páginas 69-70.

especulações físicas sobre o cosmo e a refutação (*elenchus*); além de também ser um grande amigo de Péricles.

Mas assim como é difícil tentar delimitar a importância dos sofistas para a história da filosofia através das concepções dos seus adversários, é igualmente problemático tentar vincular Sócrates aos sofistas, uma vez que tudo que sabemos sobre ele é escrito principalmente por seus discípulos, que procuravam a todo custo separá-lo dos seus adversários. Até uma mente não tão filosófica como a de Xenofonte parece sublinhar apenas as características mais positivas do seu mestre em contraponto com as dos sofistas. Entrementes, mesmo que compreemos a teoria de Kerferd e coloquemos Sócrates como participante do movimento sofista, ainda sim teríamos que delimitar o que há de diferente entre ele e os demais e chegaríamos a conclusão de que os métodos de argumentação adotados por Sócrates e pelos sofistas, por mais que pareçam similares, têm finalidades diferentes. É exatamente por isso que o sexto capítulo busca delimitar e diferenciar a “antilógica”, a “erística” e a “dialética”.

A antilógica é um instrumento tanto utilizado pela erística quanto pela dialética; é tanto utilizado por Sócrates como por qualquer sofista. Ela consiste em diferenciar um *logos* do outro ou de descobrir e chamar a atenção para a presença de uma oposição em um determinado argumento. A erística, por sua vez, utiliza-se da antilogia exclusivamente para buscar vitória num argumento – como o próprio termo “*eris*” consegue retratar etimologicamente. Enquanto a antilogia é uma técnica de argumentação, a erística pode utilizar de várias técnicas – falácias, ambiguidades verbais, monólogos prolixos e etc. – com a finalidade de alcançar o sucesso no debate, independente de qualquer vínculo com a “verdade”. Já a dialética é o método ideal, no sentido Platônico do termo, que também se utiliza da antilógica, mas para alcançar não apenas a vitória num combate e sim uma verdade que envolve regularmente uma aproximação com as formas inteligíveis.

Não sabemos até que ponto podemos afirmar ou negar que as refutações socráticas tinham como finalidade extrair alguma verdade dos diálogos. Contudo, o Sócrates retratado por Platão (até mesmo nos diálogos da juventude) parece realmente estar em busca de uma resposta “ideal”, completamente despreocupado com a vitória do discurso. Esse é o Sócrates que Kerferd parece apropriar-se para dizer que o método dialético é a única coisa que o diferencia dos sofistas. Assim, enquanto Sócrates utilizava da antilógica como percussora da dialética, os sofistas a utilizavam sem qualquer finalidade objetiva ou apenas para vencer um discurso (*erística*). Claro que a finalidade dos argumentos sofisticos proposta por Kerferd pode ser rapidamente questionada colocando como contraponto a perspectiva analítica de Grote, mas deixaremos essa discussão para outro momento<sup>12</sup> e voltaremos a analisar o livro.

Depois de explicitar os principais métodos de argumentação vigentes naquele período histórico, nosso autor faz um levantamento detalhado dos principais pontos que perpassam todos os sofistas e os une naquilo que ele denominou: o movimento sofista. Do sétimo capítulo ao décimo primeiro ele passa a se debruçar respectivamente nos seguintes temas: *a teoria da linguagem; a doutrina do logos na literatura e na retórica; o relativismo sofista; a controvérsia nomos-physis, ensino da virtude*. Não analisaremos aqui todos os pontos supracitados, mas destacaremos ao menos três que acreditamos serem os mais influentes na história da filosofia, a saber, a teoria da linguagem, o relativismo sofista e a controvérsia *nomos-physis*.

A teoria da linguagem ou “dicção correta” (*orthoepia*) discutida pelos sofistas é a tentativa de solucionar o problema engendrado pela querela entre o imobilismo do ser Parmenídico e o mobilismo Heraclítico. Para Heráclito as coisas estavam num constante fluir; numa perene guerra de contradições entre o ser e o não-ser, e seu *logos* era o único que

<sup>12</sup> Retornaremos essa discussão numa síntese da obra de W. K. C. Guthrie: *Os sofistas*.

poderia dar a explicação correta da estrutura da realidade. Para Parmênides essa visão era inaceitável, uma vez que admitir a contradição das coisas é admitir a existência de algo inexistente; é admitir que o não-ser era possível. Diante dessas duas concepções antagônicas, o movimento sofista parece adotar a posição de Heráclito, pois o ponto de partida da linguagem deve ser a do mundo fenomenal que constitui toda a realidade em nossa volta e esse mundo parece estar permeado de uma mudança contínua.

Contudo, os sofistas estavam persuadidos de que a linguagem como um todo, deve prover formulas para exibir a realidade e se a realidade em nossa volta é como retrata Heráclito, um composto de ser e não-ser, a linguagem deve exibir a mesma estrutura, expressando constantemente dois *logoi* opostos concernentes a todas as coisas. Para Kerferd isso explica a construção dos discursos relativos e a utilização da retórica por todos os sofistas, principalmente pelos tratados de Górgias. Alguns filósofos contemporâneos aos sofistas, como Platão e Aristóteles, e uma grande parte dos posteriores, tentam atacar essa concepção relativa da linguagem tentando demonstrar que é impossível dizer a verdade por meio daquilo que não é.

O *Crátilo* de Platão é o primeiro dos seus diálogos que tenta solucionar a querela. Colocando tanto a opinião relativista da linguagem através da personagem Hermógenes de um lado e a opinião de que o nome retrata exatamente aquilo que a coisa é por natureza através da personagem Crátilo de outro, Platão faz Sócrates enxergar uma aporia nas duas concepções, mas não sem antes falar aquela que seria, talvez, a sua solução: a de que os nomes devem ser destinados a se referir exclusivamente as formas inteligíveis e que “os objetos perceptíveis, em relação aos quais esses mesmos nomes tendem a ser usados a fala cotidiana sobre o mundo, constituem uma espécie de esfera de referência derivada ou secundária”<sup>13</sup>.

Quanto ao relativismo sofista – o segundo ponto que escolhemos para destacar na presente resenha – acabamos de mencionar que todos os sofistas parecem estar de acordo com o mobilismo de Heráclito. Assim, Kerferd analisa as concepções relativistas dos sofistas a partir da célebre frase de Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são enquanto são e das coisas que são enquanto não são”, tentando extrair dela os elementos necessários para entender o que eles compreendiam como “relativismo”. Ele demonstra estar por dentro de toda a problemática vigente em torno de uma compreensão mais tautológica dessa frase, não obstante, no livro, ele utiliza sua visão mais tradicional que é aquela no qual cada grupo de coisas é para mim tal como me parece e é para você tal como lhe parece. Assim, o mesmo vento pode parecer frio para quem se encontra com frio é quente para outra pessoa.

Kerferd segue fazendo uma análise também do relativismo a partir dos prismas de outros sofistas e filósofos, tentando sempre mesclar suas ideias. Em Górgias, por exemplo, podemos encontrar por entre seus argumentos mais teorias (linguísticas ou não, dependendo da interpretação) que parecem compactuar com o relativismo: (1) nada é; (2) se é, não pode ser conhecido pelos seres humanos e (3) e se é cognoscível, não pode ser indicado e tornado significativo para outra pessoa. O próprio Platão, no *Protágoras* e no já mencionado *Górgias*, reforça essa ideia do relativismo presente nos sofistas e os critica, principalmente, por tentarem ensinar algo que eles mesmos dizem ser relativo. Assim, podemos encontrar no *Teeteto* as seguintes palavras proferidas por Sócrates como um manifesto sobre o movimento relativista (161d3-e3) dos sofistas:

Se seja o que for que qualquer homem suponha, baseado na percepção, deve ser, de fato, verdadeiro para ele; se assim como ninguém há de ser melhor juiz da experiência do outro,

<sup>13</sup> KERFERD, 2003, p. 133.

também ninguém tem mais autoridade para investigar se a opinião do outro é certa ou falsa mas, como temos dito mais de uma vez, cada homem terá suas próprias crenças só para si mesmos, e todas elas são certas e verdadeiras, então, meu amigo onde encontra-se a sabedoria de Protágoras, que o faz pensar que está habilitado para ser mestre de outros e ser regamente pago por isso, e onde está nossa comparativa tamanha ignorância que precisamos ir a ele para instrução, quando cada um de nós é a medida da sua própria sabedoria?

Por fim, a controvérsia existente entre *nomos* e *physis* parece permear todos os argumentos proferidos no século V a.C. Para tentar explicá-la, Kerferd inicia tentando determinar no que consiste cada um dos termos. *Physis* era o termo grego que os primeiros filósofos cosmológicos utilizavam para representar a totalidade da realidade ou a união dos constituintes matérias permanentes em todas as coisas; depois ele fora utilizado para determinar as características peculiares que uma determinada coisa tem em particular, por exemplo, quando falamos “a natureza do homem”. *Nomos*, por sua vez, é um termo tradicionalmente traduzido por “lei” ou “costume” e que representa uma série de valores geralmente exteriores a natureza do homem e que dão algum tipo de ordem ou direção que afeta o comportamento e as atividades das pessoas.

Não é tão importante para nós sabermos o desdobramento desses dois termos ao decorrer da trajetória da humanidade, mas vale salientar que todos foram adquirindo novas interpretações, contextualizando-se ao decorrer dos tempos. Outro fato a ser destacado é a dificuldade de chegar a uma boa tradução dos termos, uma vez que eles englobam muito mais coisas do que acabamos de mencionar. Não obstante, o mais importante a ser mencionado é como os sofistas parecem lutar com a convenção imposta pelo *nomos* frente à *physis*. Somente alguns poucos, como Hípias e Antífon, vão reconhecer a *physis* como a fonte dos verdadeiros valores humanos em dissonância com os valores propostos pelo *nomos*.

Por fim, no último capítulo de sua obra, Kerferd encerra falando brevemente sobre a crítica do movimento sofista para com a religião grega e para com os seus deuses, levantando a necessidade iminente de uma crítica mais sistematizada ao politeísmo e a tradição Homérica que parecia estar cada vez menos satisfazendo os helênicos desde os tempos de Xenófanes.

### Conclusão

A obra de Kerferd como um todo parece conseguir mapear com precisão os pontos mais basilares desse movimento iconoclasta que surgiu em meados do século V a.C. e trouxe contribuições indispensáveis para o desenvolvimento da história da Filosofia posterior. Não obstante, sua principal contribuição encontra-se no fato do autor encarar os sofistas como um grupo – sublinhando os aspectos similares encontrados no que restou das obras desses pensadores. É através destas similaridades que o autor elabora a importante tese de que Sócrates também faz parte do “movimento sofista” – mesmo possuindo algumas peculiaridades imanentes à sua *psiqué*.

### Referências

ABELARDO, Pedro. **Histórias das minhas calamidades**. Trad. de Ruy Afonso de Costa Nunes. São Paulo: Nova Cultura, 1988. p. 216-240. (Col. Os Pensadores)

KERFERD, G. B. **O Movimento Sofista**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PLATÃO. **Górgias**. Trad. de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva, Fapesp, 2011. (Textos 19)

\_\_\_\_\_. **Teeteto**. Trad, textos complementares e notas de Edson Bini. *In*: Diálogos I. São Paulo: EDIPRO, 2014.

VASCONCELOS, Manoel. A crítica de Anselmo a Roscelino na Epístola de Incarnatione Verbi. **DISSERTATIO** 17-18, 2004, p. 5-26. Disponível em: <http://www2ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/antigas/dissertatio17-18.pdf> Último acesso: 26/01/2014. 22:21